



UM PANORAMA DA SOCIOLINGUÍSTICA: DA ABORDAGEM VARIACIONISTA AOS ESTUDOS DE ESTILO

Sérgio Casimiro (IEL-UNICAMP)¹
sergiomyro@yahoo.com.br

RESUMO: Neste trabalho, apresenta-se um panorama dos estudos sociolinguísticos, desde os primeiros trabalhos que fundam o campo na década de 1960 até as pesquisas mais recentes na segunda década do século 21. Seguindo o que Eckert (2005, 2012) considera como as “três ondas” da sociolinguística, reveem-se os principais conceitos e metodologias das perspectivas variacionista (ou macrosociológica), etnográfica e estilística. Serão apresentadas também algumas das pesquisas feitas no Brasil para cada uma das diferentes ondas. Por fim, discutem-se alguns desafios teóricos e metodológicos no que diz respeito aos estudos mais recentes que se dedicam ao estudo de estilos e de construção/expressão de identidades.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística, Variação, Estilo, Identidade

ABSTRACT: In this paper, we present an overview of sociolinguistic studies, from the first works that found the field in the 1960s to the most recent research in the second decade of the 21st century. Following what Eckert (2005, 2012) considers as the "three Waves" of sociolinguistics, the main concepts and methodologies of the variational (or macrosociological), ethnographic and stylistic perspectives are revealed. We will also present some of the research done in Brazil for each of the different waves. Finally, we discuss some theoretical and methodological challenges regarding the most recent studies that are devoted to the study of styles and the construction / expression of identities.

KEYWORDS: Sociolinguistics, Variation, Style, Identity

1. APRESENTAÇÃO

Uma entre as diversas concepções teóricas emergentes na Linguística ao longo do século XX, a Sociolinguística ganhou força, destacando-se por seus conceitos inovadores e metodologias próprias de investigação, influenciando outras áreas de estudo... Atualmente é um campo de pesquisas já consolidado, que desfruta de prestígio entre os estudos da linguagem. Todavia, o que se designa por Sociolinguística é uma multiplicidade de abordagens que, mesmo diferentes, ainda apresentam uma essência que dá unidade a essa diversidade.

¹ Doutorando do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: sergiomyro@yahoo.com.br



O objetivo deste trabalho é o de circunscrever a essência dessa área de estudos linguísticos, chamada de Sociolinguística. Ao mesmo tempo, pretendemos mostrar as características de algumas das principais abordagens no interior dessa disciplina. Partimos, então, de um panorama das pesquisas realizadas desde sua origem até o que vem sendo desenvolvido mais recentemente em várias universidades, sobretudo nos Estados Unidos para, em seguida, mencionar também alguns trabalhos que vêm sendo feitos no Brasil, inseridos em cada uma das diferentes “sociolinguísticas” que existem.

2. SOCIOLINGUÍSTICA: ORIGENS E DEFINIÇÃO DE UM CAMPO DE ESTUDOS

Podemos definir Sociolinguística, *grosso modo*, como a área da Linguística que se ocupa das relações entre linguagem e sociedade. Assim, diferentemente de outras correntes teóricas dentro dos estudos da linguagem, trata-se de uma disciplina que se ocupa do estudo da língua em sociedade ou da linguagem em seu contexto social.

Tal definição deixa claro que há teorias ou práticas linguísticas que não são sociais. Dessa forma, a Sociolinguística se diferencia de posições epistemológicas como as da linguística gerativa e estruturalista, na medida em que se preocupa com a linguagem em uso pelos seus falantes, e não somente com a língua como um sistema formal e abstrato. Dentre as divergências, pode-se destacar, primeiramente, a noção de “falante ideal” (cf. Chomsky, 1973), que diverge do entendimento de que uma mesma pessoa pode fazer uso de diferentes variantes. Outra noção cara à teoria gerativa é a de homogeneidade linguística, uma vez que se trata de um sistema abstrato na mente do falante, totalmente oposta à concepção sociolinguística de que a língua é heterogênea, já que foca na performance dos falantes. O mesmo acontece com o Estruturalismo: em seu Curso de Linguística Geral, Ferdinand de Saussure exclui dos estudos da linguagem os “objetos heteróclitos” (Saussure, 1995, p.115). Logo, quando pensa na dicotomia “langue” versus “parole”, o pesquisador suíço privilegia a descrição estrutural do sistema abstrato, excluindo as práticas sociais mediadas pela língua.

Ainda delimitando o campo de estudos, a Sociolinguística entende a língua como um instrumento de interação social. Desse modo, quando se pensa na dicotomia



“Formalismo” *versus* “Funcionalismo” (Neves, 1997), pode-se dizer que, por se preocupar com o estudo da língua em uso, a Sociolinguística deve ser entendida como inserida em um paradigma funcionalista e não formalista. De um modo geral, a Sociolinguística se preocupa com a análise empírica da linguagem em seu contexto social. Sendo assim, dentre as diferentes posições epistemológicas, podemos localizá-la ainda em uma “perspectiva interacionista” da linguagem, já que se ocupa da linguagem como prática social e interacional. De acordo com Morato (2011, p.314), “o interacionismo representa um esforço pluridisciplinar com vistas ao entendimento das relações entre o indivíduo e a sociedade”.

Ainda que se trate de um campo de estudos bem delimitado, não há nele uniformidade teórica nem homogeneidade metodológica. Segundo Coupland (2007, p.4), a Sociolinguística é uma “ampla igreja”, em que as definições mais gerais referem-se ao estudo da língua em sociedade ou da linguagem em seu contexto social. Não existiria dessa forma uma única Sociolinguística, mas várias correntes reunidas numa mesma denominação.

Um de seus embriões foi uma conferência promovida, em 1964, por William Brighth, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, em que 25 pesquisadores se uniram para debater uma diversidade de temas ligados à relação entre linguagem e sociedade (Alkmin, 2012; Camacho, 2012). Posteriormente a essas conferências, Bright escreveu o livro *Sociolinguistics* (1966), em que define a diversidade linguística como objeto de estudos dessa área. No entanto, são os trabalhos desenvolvidos por William Labov que viriam a conduzir a Sociolinguística à consolidação de que goza hoje. Em seu livro *The Social Stratification of English in New York City*, ele desenvolve um estudo pioneiro, em que verificou padrões regulares de estratificação socioeconômica de formas linguísticas.

Apesar disso, estudos que vinham sendo realizados já no século XIX também mantêm relações com o que veio ser denominado de Sociolinguística. Uma série de estudiosos já se ocupava da mudança das línguas muito antes de Labov, que inclusive chega a dialogar com os autores denominados “neogramáticos”; ao desenvolver seus “fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”. Estudos realizados por



Antoine Meillet, Hugo Schuchardt, e Herman Paul, por exemplo, já tinham como interesse descrever e explicar os fenômenos de mudança histórica das línguas. Tanto comparativistas como neogramáticos se empenhavam em estabelecer relações diacrônicas entre diferentes momentos de uma mesma língua ou com outras línguas que poderiam pertencer a uma mesma árvore genealógica. Ainda assim, foi Labov quem propôs analisar o quadro da mudança, levando em consideração os aspectos sociais dos falantes, no âmbito da Teoria da Variação e Mudança.

Outra área que tem relações diretas com a Sociolinguística é a Dialetologia, que é o estudo da variação no espaço físico, isto é, a descrição de dialetos em um plano diatópico. Os estudos em dialetologia também antecedem o período de constituição da Sociolinguística e influenciaram, principalmente, os estudos variacionistas.

Também já apresentavam preocupações linguísticas e sociais, os estudos em Antropologia Linguística (cf. Duranti, 2000), desenvolvidos inicialmente por Franz Boas (1858-1942) no início do século XX e seguidos por um de seus discípulos, Edward Sapir (1884-1939), e por Benjamin L. Whorf (1897-1941). Enquanto Boas se preocupou com a documentação, descrição gramatical e classificação das línguas indígenas, Sapir e Whorf desenvolvem uma hipótese que ficou conhecida como “relativismo linguístico”, em que, com ênfase na diversidade humana, relacionam a variedade linguística ao relativismo cultural, ou seja, as pessoas, para eles, expressam o mundo segundo sua cultura. Ainda hoje a Sociolinguística mantém diálogo com outras disciplinas de caráter social, principalmente a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia Social.

Por fim, Eckert (2005, 2012) reconhece três ondas de trabalhos sociolinguísticos, cada qual com características específicas e metodologias de pesquisa diferentes, resultado dos desdobramentos dessa corrente teórica ao longo das décadas. A primeira onda, corresponde aos estudos realizados inicialmente por Labov, constituindo o que é denominado de corrente “variacionista”. A segunda onda corresponde aos estudos etnográficos, que tem em Dell Hymes um de seus precursores. Por fim, a terceira onda corresponde aos estudos mais interessados nos significados sociais da variação linguística e na construção de estilos e identidades sociais. Passemos agora a examinar cada uma delas.

3. A PESQUISA VARIACIONISTA

A pesquisa variacionista é conhecida também como Teoria da Variação e Mudança e tem como precursores os trabalhos de William Labov. Curioso notar que, antes de ser linguista, Labov, formado em Harvard em 1944, trabalhou como químico em fábricas de tinta. Sua insatisfação com o ramo industrial levou-o a retornar à Universidade de Colúmbia para realizar pesquisas sobre a língua inglesa. Boa parte do seu rigor metodológico deve-se a essa formação mais tecnicista.

O primeiro estudo realizado por Labov sobre língua inglesa foi sua inovadora dissertação de mestrado sobre variantes faladas na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts chamada *The social motivation of a sound change*, defendida em 1963.

Labov notou que o dialeto local se diferenciava do dialeto do continente por ser mais conservador. Ao mesmo tempo, Martha's Vineyard passava por transformações no modo de vida de seus habitantes. Considerado o município mais pobre de Massachusetts, era cada vez mais dependente do turismo de verão, que, por sua vez, ameaçava a independência pessoal do povo local. A partir desses fatores, Labov mostra que a mudança linguística é socialmente motivada. Pela primeira vez, uma mudança sonora foi explicada em termos de motivações sociais.

Um dos marcos da pesquisa variacionista é o livro *The Social Stratification of English in New York City*, escrito em 1966. Em tal estudo, Labov estabelece correlações entre diferentes formas de falar com características sociais dos falantes. Para isso, ele desenvolve conceitos inovadores e técnicas de investigação que influenciam até hoje não só os estudos sociolinguísticos, mas também outros; estudos que têm por objetivo analisar a língua como fenômeno social e interacional. Um dos trabalhos mais famosos foi sua pesquisa sobre a pronúncia do /r/ nas lojas de departamento de Nova York. Para Labov, a fala dos vendedores nas lojas de departamento reflete a estratificação social da cidade, uma vez que cada uma delas atende a um público específico: a Saks, loja de maior prestígio e mais cara, a Macy's, loja de classe média e com preços medianos, e a S. Klein, loja mais popular e com preços mais baixos. Do ponto de vista da estratificação social, os



vendedores são iguais, ganham praticamente o mesmo salário e pertencem à mesma classe social. No entanto, o principal efeito estratificador sobre os empregados é o prestígio da loja, junto com as condições de trabalho. Como conclui Labov os vendedores de lojas como a Sacks se sentem compartilhando do mesmo prestígio social da loja e de seus clientes, aproximando sua pronúncia da fala do público que eles atendem.

Alguns dos preceitos mais importantes apresentados por Labov, ao propor estudar a língua em seu contexto social, é o de que a língua falada por uma comunidade linguística é heterogênea e que, como resultado dessa heterogeneidade, existe variação. Isso estabelece como pressuposto “a opção de dizer a mesma coisa de várias maneiras diferentes, ou seja, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística” (Labov, 2008, p. 313). Por conseguinte, entende-se que uma regra variável se opõe ao conceito de regra categórica, já que ela diz respeito a variantes que estão em concorrência em um mesmo sistema linguístico.

Para Labov, o objeto de estudos da Teoria da Variação e Mudança é o vernáculo, a língua em uso com o grau mínimo de monitoramento, isto é, quando os falantes prestam pouca ou nenhuma atenção à própria fala, a ele está associado um estilo mais informal, em sua escala estilística. A variação ocorre quando uma regra, tida como categórica ao sistema, passa a concorrer com outra, tornando-se uma regra variável, até que uma delas se torne categórica novamente. Como aponta o autor (Labov, 2008, p. 260), “no curso da evolução linguística, a mudança caminha para se completar, e regras variáveis se tornam invariantes”.

Dessa forma, a variação é considerada inerente quando ela faz parte do sistema linguístico de uma determinada comunidade de fala. Para Labov, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos uma variação altamente estratificada na fala real” (Labov, 2008, p. 225). Assim, ao contrário da tese de que os falantes trocariam de dialeto (ou seja, de sistema linguístico), a variação inerente diz respeito à variação que faz parte do sistema de uma comunidade de falantes, quando regras categóricas coexistem com regras variáveis no mesmo sistema linguístico. É nesse sentido que a variação inerente aparece



no vernáculo, no uso real (não monitorado, inconsciente) do dialeto da comunidade de fala.

A princípio, a noção de regra variável se aplicava apenas a fenômenos de natureza fonológica. Contudo, após uma discussão entre Labov (1978) e Lavandera (1978), que discordavam sobre até onde se estenderia a noção de regra variável, a análise da variação passou a ser feita em outros níveis linguísticos, como a sintaxe por exemplo. A discordância acontece justamente porque, para Labov (1978), as estruturas ativa e passiva do inglês poderiam ser consideradas uma variável de natureza sintática. Lavandera (1978), por outro lado, põe em questão se a noção de variação deveria se estender ao nível sintático. Labov (1978), discordando da autora, enfatiza, por sua vez, a noção de significado referencial, sob a consideração que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas tem o mesmo valor de verdade. A partir dessa discussão, abre-se espaço para a análise da variação em diferentes níveis gramaticais.

Ao definir a variável sociolinguística, Labov (2008) correlaciona-a com variáveis do contexto social e estilísticas. Esses traços linguísticos apresentam significados e valores sociais e estão sujeitos a avaliações por parte dos falantes e ouvintes. As variáveis linguísticas sensíveis somente a fatores sociais são chamadas de “indicadores linguísticos” (Labov, 2008, p.286). Esses indicadores estão associados a valores sociais (classe alta e classe baixa) ou a valores locais (rural e urbano, por exemplo). Este é o caso, por exemplo, do uso do /r/ nas lojas de departamento de Nova York, em que o uso dessa variável é sensível à estratificação social; ou mesmo o caso dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha’s Vineyard, em que essas variantes se relacionam com valores de identidade local.

Existem também variáveis sociolinguísticas mais desenvolvidas, chamadas de “marcadores”, que não apenas sensíveis à estratificação social ou à identidade local, como também apresentam diferenciação estilística (formal e informal). Este é o caso por exemplo do (ing) no inglês, em que membros da comunidade de fala se diferenciam pelo seu uso, de modo que (ing) está correlacionado às classes sociais mais altas e mais baixas, e cada grupo social se comporta de modo parecido quanto a alternância estilística de (ing) numa escala de formalidade de contexto. Tem-se aqui uma variável estilística estável com a função de regular classe social e estilo contextual. Um certo número de marcadores



sociolinguísticos pode ainda ascender à consciência social explícita e torna-se o que Labov (2008, p.287) chama de “estereótipos”.

No que diz respeito ao aspecto metodológico e à coleta de dados, uma das maiores preocupações nos estudos sociolinguísticos é a de se observar o uso empírico da língua pelos seus falantes sem a interferência do pesquisador. Para que essa pesquisa empírica da língua em uso se desenvolva, é preciso que haja uma observação neutra, minimizando os efeitos provocados pelo observador. Labov (2008, p.245) denomina “paradoxo do observador” o fato de se coletar os dados linguísticos de modo que os falantes hajam naturalmente, como se não estivessem sendo observados.

Com relação ainda aos aspectos metodológicos, um dos primeiros passos na pesquisa variacionista é a definição de uma variável e suas variantes, elaborando-se perguntas sobre a variação linguística. Nesse sentido, é preciso que se pense em todos os contextos em que essas variantes podem acontecer, bem como nos fatores extralinguísticos (sexo, idade, classe social etc.) que podem influenciar sua realização. Posteriormente, coletam-se amostras baseadas em perfis sociolinguísticos que atendam aos interesses das perguntas de pesquisa. É a partir da concepção de macrocategorias que se definem esses perfis, que recebem o nome de células sociais.

Para o estudo da língua em seu contexto social, pode ser empregada como técnica de coleta de dados a entrevista sociolinguística, que consiste num evento de fala induzido, passível de registro mediante o uso de gravadores, cujo objetivo é o de extrair uma quantidade de informação estilística previsível. Pode ser empregado também o uso de questionários sócio culturais, com questões sobre o perfil social do entrevistado, como idade, sexo, raça/etnia, renda e classe social. Labov (2008, p. 248) também menciona o uso do *matched guise* (pares falsos), propostos por Lambert et al. (1967), em que se apresenta a uma pessoa uma série de gravações em que se ouvem vozes dos mesmos falantes; usando línguas ou dialetos diferentes, como método para a realização de testes de percepção ou testes de reação subjetiva.

Diferentemente de outras correntes linguísticas, os estudos sociolinguísticos se preocupam, antes de qualquer coisa, com a maneira como os falantes usam a língua em diferentes contextos sociais. De acordo com Coupland (2007, p.24), a Sociolinguística



tem sempre se comprometido com o “princípio da observação linguística”, já que se assume que as regularidades de variação da língua podem ser encontradas “nas análises de dados reais”.

Neste sentido, como relata Eckert (2005, p.3), a primeira onda se caracteriza pelo interesse em padrões gerais numa comunidade de falantes (“*big picture*”), ou seja, são as macrocategorias socioeconômicas que definem os tipos de falantes que usam determinadas variantes da língua e não outras. Conforme Eckert (2005), vários estudos da *survey era* são sobre “comunidades geograficamente definidas”, que veem a hierarquia socioeconômica como um “mapa do espaço social”, em que as variáveis funcionam como “marcas de categorias sociais primárias e carregam a relação prestígio/estigma baseado na classe”. Dentre as pesquisas realizadas sob a perspectiva variacionista, além dos trabalhos realizados por Labov, Eckert (2012) menciona outros estudos, como os de Wolfram’s (1969) sobre os falantes afro-americanos em Detroit e os de Peter Trudgill (1972, 1974) sobre o inglês britânico.

No Brasil, as pesquisas variacionistas começaram a ser desenvolvidas na década de 1970, por meio de grupos de pesquisas como o do projeto Norma Urbana Culta (NURC) e o projeto Censo da Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro (Censo). Ao longo das décadas, vários outros grupos, foram surgindo, sob o mesmo viés teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, como o Projeto de Variação Linguística da Região Sul do Brasil (VARSUL), o Programa de Estudos de Usos da Língua (PEUL), no Rio de Janeiro, o Variação Linguística no Centro-oeste (VALCO), em Brasília, o Variação Linguística da Paraíba (VALPB), o Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP), de São José do Rio Preto – SP, dentre outros. Surge também um projeto de pesquisa em rede para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, o projeto ALIB, formado em 1996, por iniciativa da Universidade Federal da Bahia e que, atualmente, conta com o apoio de várias outras universidades.

4. A PESQUISA ETNOGRÁFICA

Os trabalhos de segunda onda diferem dos trabalhos de primeira, principalmente, no que diz respeito à metodologia empregada nas pesquisas. Eckert (2005, 2012) caracteriza



os estudos de segunda onda como “estudos etnográficos de comunidades geograficamente delimitadas”. Nesse momento, há uma ligação entre categorias locais e a variação linguística. Por conta do foco nesse aspecto local, Eckert (2005, p.6) denomina essa segunda onda de “local picture”.

Fundamental para a metodologia empregada, a ideia central da etnografia está na pesquisa empírica das interações cotidianas. Mesmo nunca tendo empregado o termo “etnografia”, o trabalho precursor da pesquisa etnográfica se dá com Malinowski (1922). Em seu livro *Argonauts of the Western Pacific*, ele desenvolve uma teoria sobre o Trabalho de Campo, destacando quanto a convivência íntima com a cultura estudada pode ajudar a conhecer uma sociedade específica. Um dos pioneiros dos estudos etnográficos em Linguística foi Dell Hymes. Em seu livro *Toward Ethnographic of Communication* (1964), ele sugere um método geral de pesquisa etnográfica em comunicação baseada no trabalho de campo descritivo e comparativo.

As pesquisas de segunda onda em sociolinguística apresentam, então, como aspectos metodológicos o uso de etnografia e de observação participante. A coleta de dados se dá por meio do trabalho de campo, do envolvimento direto do pesquisador com a comunidade a ser estudada. O método etnográfico é diferente de outros métodos de se fazer pesquisa, uma vez que se coletam dados *in loco*, sendo o pesquisador alguém que participa subjetivamente nas vidas daqueles que estão sendo estudados. Quando há observação participante, o pesquisador, depois de aceito pela comunidade estudada, é capaz de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida. Em consequência da metodologia, as análises dos dados nessas pesquisas tendem a ser não só quantitativas, como acontecia nas pesquisas de cunho macrossociológico da “primeira onda”, mas sobretudo qualitativas.

Um dos trabalhos mais importantes, realizados com base no método etnográfico, foi feito por Eckert (2000), em que a pesquisadora observou o comportamento dos alunos de uma escola chamada Belten High em Detroit. Ela constatou que o uso de variáveis vocálicas distinguia estilos diferentes associados com diferentes comunidades de práticas: os *jocks* e os *burnouts*. Como aponta Eckert (2005, p.11), estas duas categorias não são



grupos, mas “rede de *clusters*, composta de grupos de amigos que orientam conjuntamente para as práticas como *jocks* ou como *burnouts*²”.

O conceito de comunidade também passa a ser diferente para os estudos de segunda onda. Para Labov (2008, p.150), “comunidade de fala” é definida pela “participação comum num conjunto de normas partilhadas”, ou seja, conceito refere-se a um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com relação aos usos linguísticos. No entanto, Dell Hymes e John Gumperz questionam essa noção de comunidade de fala, defendendo que um mesmo indivíduo pode participar de uma série de comunidades de fala ou, nos termos de Gumperz (1968), a comunidade de fala é heterogênea, podendo um mesmo indivíduo participar de uma variedade de “redes de socialização” (*social networks*), nos termos de Milroy (1980). Enquanto na primeira onda as estruturas sociais exercem grande influência com relação aos usos linguísticos, para a segunda onda, admite-se maior agentividade por parte dos falantes. Neste sentido, Eckert (2012, p.91) afirma que os trabalhos na segunda onda começaram com a “atribuição de agentividade social ao uso do vernáculo como também características padrão e foco no vernáculo como expressão do local ou identidade de classe³”.

Eckert (2012) inclui entre as pesquisas de segunda onda também trabalhos como os realizados por Milroy (1980) sobre a variação fonológica de trabalhadores em Belfast, indicando agentividade social no uso do vernáculo (e não mais questão de monitoramento e relação prestígio/estigma, como mostrava Labov) e entendendo o vernáculo como uma expressão do local e da identidade de classe. Ela cita também o trabalho de Rickford (1986) sobre comunidades rurais em plantações de cana de açúcar na Guiana. Neste estudo, o autor enfatizou que apesar do vernáculo ser estigmatizado no nível global, sua associação com valores e práticas locais dão um valor positivo ao nível local.

² No original: *The categories are not groups, but network clusters, composed of friendship groups that orient to jock or to burnout practice* (ECKERT, 2005, p.11).

³ No original: *the second wave began with the attribution of social agency to the use of vernacular as well as standard features and a focus on the vernacular as an expression of a local or class identity.* (ECKERT, 2012, p.91).

No Brasil, podemos incluir entre os estudos de segunda onda, pesquisas como a de Leite (2004). Em sua dissertação de mestrado, a autora estuda as atitudes linguísticas de estudantes universitários em Campinas, todos vindos de São José do Rio Preto. Como próprio da pesquisa de caráter mais etnográfico, ao invés de se valer de categorias macrosociológicas, a autora se restringiu a um grupo de apenas oito falantes para analisar a variação do /r/ em coda. Também o trabalho de Coelho (2006) focou no estudo de comunidades localmente restritas, ao analisar a variação na concordância verbal de 1ª pessoa de moradores do bairro Brasilândia, comunidade da zona norte de São Paulo. Valendo-se da noção de rede social, a autora usa um líder comunitário como âncora para se chegar aos outros falantes.

5. AS PESQUISAS EM “TERCEIRA ONDA”:

Uma das características mais marcantes da terceira onda é a centralidade do significado social da variação. De acordo com Eckert (2012), o trabalho de William Labov sobre os falantes de Martha’s Vineyard, em 1963, já tinha como foco o estudo do significado social da centralização das variantes /ay/ e /aw/. Labov constata que os ditongos falados pelos moradores da ilha em palavras como *right* e *house* são pronunciados de forma diferente dos turistas. Assim, quando um ilhéu faz a pronúncia típica da ilha, ele inconscientemente indicia seu pertencimento à ilha. De acordo com Campbell-Kibler (2011, p. 425), para os estudos de terceira onda, “a variação foca na construção de estilos sociolinguísticos, entendendo a variação linguística como ligada a categorias sociais, práticas e crenças⁴”. Portanto, o estilo estaria ligado a um conjunto de significados sociais que estariam associados a um conjunto de usos linguísticos.

Para Arnold et al. (1993) a construção de um estilo é um processo de “bricolagem”. Elementos originários das experiências e vivências sociais podem ser apropriados e combinados entre si, constituindo o estilo individual de alguém. De acordo com tais autores, “estilo é um agrupamento, um feixe (*cluster*) de recursos linguísticos e

⁴ No original: *The third wave of variation focuses on the construction of sociolinguistic style, viewing linguistic variation as tied to social categories, practices and beliefs.* (CAMPBELL-KIBLER, 2011, p. 425).



semióticos e a associação desses recursos com aspectos de uma prática social identificável⁵” (ARNOLD et AL., 1993, p. 14).

Campbell-Kibler (2009, p.135) também afirma que o conceito de significado social se associa à ideia de que “falantes e ouvintes usam estruturas linguísticas para carregar informação social e então se moldarem às situações e à amplas estruturas sociais das quais participam⁶”. Para a terceira onda, o estudo da variação não se prende apenas a correlação da variante a um sistema linguístico, mas também aos efeitos discursivos que o uso dessas variantes pode provocar, produzindo significados sociais. De acordo com Coupland (2007, p.8), “o que importa para as pessoas é o sentido que a variação da língua pode adicionar às suas práticas discursivas – o que as pessoas estão tentando dizer e o que elas ouvem os outros tentando dizer⁷”.

Já Irvine (2001) caracteriza estilo como um processo de distinção ou sistemas de distinções, em que um estilo contrasta com outros estilos possíveis e o significado social que ele representa contrasta com outros significados sociais. Para a autora, as relações entre os estilos são mediadas pela ideologia e os modos de fala se relacionam, conforme previsto pelos estudos sociolinguísticos, com as formações sociais. Nesse sentido, o estilo “pode compartilhar o entendimento dos participantes sobre seu mundo social”, estando estes entendimentos posicionados, dependendo em certa medida da posição social do participante e de seu ponto de vista. Segundo ela, estilo envolve os “meios pelos quais os falantes, como agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e seus objetivos dentro de um sistema de posições e possibilidades⁸” (p.23-24). Ela ainda diz que o estilo é culturalmente variável e é organizado por princípios de valor.

⁵ No original: *We are defining style as a clustering of linguistic resources, and an association of that clustering with an identifiable aspect of social practice.* (ARNOLD et AL., 1993, p.14).

⁶ No original: *In recent years, variacionist research has devoted increasing attention to the concept of social meaning, the idea that speakers and listeners use linguistic structures to carry social information and thus shape the situations and the larger social structures in which they participate.* (CAMPBELL-KIBLER, 2009, p. 135).

⁷ No original: *what matters to people is the meaning that language variation might add to their discourse practices – what people are trying to mean and what they hear others to be meaning.* (COUPLAND, 2007, p.8)

⁸ No original: *(...) I take it that styles in speaking involves the ways speakers, as agentes in social (and sociolinguistics) space, negotiate their positions and goals within a system of distinctions and possibilities.* (IRVINE, 2001, p.23-24).



As noções de identidade e de estilo em “terceira onda” estão diretamente ligadas ao processo de elaboração e manejo de “personas”. Para Coupland (2007, p.111), o conceito de *persona* diz respeito à construção social da identidade na interação. Trata-se de uma estratégia de auto representação através de formas de estilização. Os falantes de uma língua têm disponíveis um repertório de formas linguísticas, que são selecionadas para produzir determinados significados sociais. Assim, um mesmo falante pode manipular diferentes *personas* para cada situação de fala e interlocutor.

Outro mecanismo importante para os estudos sociolinguísticos do estilo é conhecido como indicialidade (*indexicality*), fundamental para o modo como as formas linguísticas são usadas para construir estilos e posições de identidade. Um índice é uma forma linguística que depende do contexto interacional para criar seu significado. Para Silverstein (1976), inspirado na semiótica de Pierce (1932), a indicialidade é crucial na interpretação dos sentidos sociais de uma determinada cultura. De acordo com Pierce (1932 apud Silverstein, 1976), há três tipos de signos: os ícones, os símbolos e os índices. Para ele, ícones são os signos que se parecem com aquilo que querem dizer, o que Silverstein (1976, p.28) chama de isomorfismo; por sua vez, símbolos estão relacionados com o significado por algum tipo de convenção e, por fim, os índices estão relacionados com o significado por “evocação”. Para Pierce, a propriedade chave dos signos linguísticos é a indicialidade (*indexicality*), fato que aponta para associações que não tem existência no mesmo reino, como por exemplo fumaça é um índice de fogo.

Ochs (1992), em seu estudo sobre a indicialidade de gênero na fala de mães americanas e mães da Samoa Ocidental, amplia o conceito de indicialidade, argumentando que a conexão indicial entre uma forma linguística e uma identidade social particular não é direta, o que é denominado de “indicialidade indireta”. Formas linguísticas que indiciam identidade são mais basicamente associadas com posturas interacionais como contundência, incerteza etc, que por sua vez podem ser associados com categorias sociais particulares como gênero.

Ao descrever os sentidos sociais em alguns trabalhos realizados por outros pesquisadores, Eckert (2008) afirma que na verdade não existe apenas um sentido social, mas sim vários sentidos relacionados ao uso de uma determinada forma linguística.



Assim, para ela, existiria um “campo indicial” (*indexical field*), que diz respeito a “uma constelação de sentidos relacionados ideologicamente, alguns dos quais podem ser ativados em situações de uso de uma variável⁹” (p. 464).

Outra noção que é relevante para os estudos de terceira onda é o que Agha denomina de *enregisterment* (“registro”), definido como (2003, p.231), o “processo pelo qual um repertório linguístico passa a ser diferenciável dentro de uma língua como um registro de formas reconhecidas socialmente¹⁰”. Tal conceito é de extrema importância no que diz respeito a uma série de processos culturais que envolvem a produção, a manutenção e a transformação de valores, o que inclui os usos da língua. Agha entende que os valores culturais não são estáticos, mas podem se transformar no decorrer do tempo.

Os trabalhos de terceira onda, então, ocupam-se dessas noções de estilo, significado social e construção e performance de identidades. Em um dos primeiros estudos realizados em que estilo é analisado sob o viés da “terceira onda”, Arnold et al. (1993) realizaram uma entrevista com uma aluna de um colégio de Palo Alto, que recebe o pseudônimo de “Trendy”, por usar roupas de marcas caras. Nesta entrevista, foram feitas perguntas sobre como ela definia seu estilo e o estilo de seus amigos no colégio. A partir desses dados, o grupo pode constatar que a garota simplesmente estava performatizando um estilo e apresentando a si mesma como membro de um grupo caracterizado por aquele estilo, como uma “valey girl”.

Em outro exemplo, Podesva (2007) analisa três padrões de variação (qualidade das vogais, entonação e uso do falsete) na fala de Heath, um jovem médico assumidamente homossexual, em três situações diferentes: na clínica com um paciente, em um churrasco com amigos e numa conversa telefônica com seu pai. Podesva constata que Heath faz uso de diferentes estilos em cada uma das situações analisadas, construindo uma *persona* de médico cuidadoso na clínica que trabalha e a *persona* de “diva gay” no churrasco com os amigos, o que comprova como verificamos em Podesva (2007), que

⁹ No original: *An indexical field is a constellation of meanings that are ideologically linked.* (ECKERT, 2008, 464).

¹⁰ No original: *[...] process through with a linguistic repertoire becomes differentiable within a language with a socially recognized register of forms.* (AGHA, 2003, p.231).



determinados elementos da língua podem ter significados sociais em certos contextos e/ou não em outros, enfatizando a agentividade do falante e de suas diferentes performances.

Também Levon (2006, 2012), sob a concepção de estilo e identidade da terceira onda, analisou a pronúncia e o léxico de jovens gays israelenses. Para ele, o uso de certos recursos linguísticos, como o léxico e o *pitch* por exemplo, pode soar gay, a partir dos valores de uma determinada cultura como a dos judeus. Em seus trabalhos, Levon tenta mostrar como formas linguísticas podem indicializar significados sociais associados a valores de “macheza” ou “afeminilidade” (*gayness*) de um determinado falante.

Em outro exemplo de pesquisa sobre estilo sociolinguístico, Zhang (2008) investigou a apropriação de variáveis do mandarim na emergência de uma elite rica em Pequim, os chamados *Yuppies*. Ela compara a fala de trabalhadores de grandes empresas multinacionais, os *Yuppies*, com a fala de trabalhadores em empresas estatais da capital chinesa. Ao analisar quatro variantes que seriam típicas do mandarim continental, onde está Pequim, e do mandarim insular, onde se localizam Hong Kong e Taiwan, ela constatou que os *Yuppies* empregam as mesmas variantes usadas nas ilhas capitalistas, como uma forma de construir a imagem de um “profissional competente”, o estilo de um “profissional internacional”. Ela usa o conceito bourdieusiano de “mercado simbólico ou linguístico” para explicar a apropriação dessa variável pelos *Yuppies*, uma vez que a língua ganha o status de capital simbólico e confere legitimidade ao falante naquele determinado contexto.

Também no Brasil, vários sociolinguistas têm se empenhado em produzir trabalhos de terceira onda. Embora ainda bem incipientes, temos uma série de pesquisas em várias universidades brasileiras preocupadas com questões estilísticas. Bentes (2009a, 2009b), por exemplo, vem desenvolvendo trabalhos sobre a fala popular urbana paulista e sobre o processo de “enregistramento” (cf. Agha, 2007) na fala dos “manos”. Ela destaca uma série de características empregadas por esses falantes na performance de suas identidades como membros da periferia de grandes cidades paulistas. Bentes (2009a), pensando no estudo estilístico e interacional dos membros da periferia, constituiu ainda um banco de dados que recebeu o nome de “É nós na fita”.



Inspirado nos trabalhos de Levon (2006, 2012) e de Gaudio (1994), também Mendes (2016) vem desenvolvendo pesquisas sobre percepção e significados sociais do que soa gay na fala paulistana, em especial a variação no uso de marcas de plural em sintagmas nominais. Ainda sobre a fala paulistana, Mendes (2011) e Mendes e Oushiro (2012) desenvolveram o banco de dados “SP2010”, pensando em pesquisas sociolinguísticas, sobretudo as de caráter estilístico. A tese de Oushiro (2015) também se destaca como trabalho de caráter estilístico, ao analisar a avaliação, produção e percepção de algumas variáveis na cidade de São Paulo.

Outro exemplo de estudo de terceira onda no Brasil é o trabalho de Freitag et al. (2009) sobre marcas linguísticas que indicializam a identidade de Itabaiana, na Bahia, como a expressão “fio do canço”. De forma semelhante, temos a tese de Valle (2014) sobre o uso de marcadores discursivos como índices da identidade dos “manezinhos” na fala de Florianópolis.

A construção de bancos de dados, pensando nos interesses de terceira onda, também se tornaram um desafio. As mudanças no objeto e nos conceitos empregados fizeram, por exemplo, com que a constituição de bancos de dados recentes fosse feita a partir não só da noção de “comunidade de fala”, mas também de “comunidades de prática” (cf. Eckert, 2012), tal como acontece no Brasil, em bancos como o GELINS, em Sergipe, organizado por Freitag (2009). Tal mudança conceitual prevê uma abordagem mais íntima com os entrevistados e leva em consideração também fatores que antes não eram considerados, como a noção de orientação e identidade de gênero ou a tentativa de controle dos aspectos textuais-interativos (cf. Freitag, 2015).

CONCLUSÃO:

A Sociolinguística é um ramo das ciências da linguagem que se preocupa com as relações entre língua e sociedade. No entanto, não se trata de um campo de estudos homogêneo. Há grandes diferenças tanto em relação aos objetos de estudo quanto aos procedimentos metodológicos ao longo das diferentes perspectivas.

Os estudos sociolinguísticos, que se subdividem em três ondas (cf. Eckert, 2005, 2012), partem de uma concepção inicialmente “macro” para uma análise mais “micro”



do uso da variedade linguística. Parte-se de uma sociolinguística em que as categorias sociais são vistas como determinantes dos fenômenos de variação para uma vertente mais individualizada, em que cada vez mais os falantes são dotados de agentividade.

Mesmo que, num primeiro momento, o que motivava a investigação linguística estivesse relacionado à composição de células sociais e com a interrelação entre fenômenos variacionais com categorias extralinguísticas, ao longo das diferentes ondas muitos processos de coleta de dados, tais como a entrevista sociolinguística ou testes de produção ou de recepção, passaram a se destinar para a constatação de hipóteses sobre outros objetos.

É difícil prever quais rumos tomarão os estudos sociolinguísticos. O que se sabe é que ainda há muito para ser investigado sob a perspectiva de terceira onda, sendo que muitos dos trabalhos que estão sendo produzidos ainda tentam caracterizar novos métodos e novos conceitos. Ao que tudo indica, é possível uma integração maior das relações macro-micro nas pesquisas sociolinguísticas, não só “focando a lupa” nas macrocategorias sociais, mas também nos aspectos individuais. É provável também que cada vez mais os estudos sociolinguísticos se tornem mais interdisciplinares, dialogando cada vez mais com áreas como a Linguística Antropológica, a Psicologia Social, a Pragmática e até mesmo a Análise do Discurso. No Brasil, muito ainda pode ser produzido no que diz respeito à “terceira onda”, principalmente, descrever os significados sociais da variação correlacionados a estilos e identidades, muitas delas tipicamente nacionais, como a do “caipira”, por exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGHA, A. **Language and Social Relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007

_____. **The social life of cultural value**. *Language & Communication* 23, 231-273, 2003

ALKMIN, T. **Sociolinguística**. IN: BENTES, A. C. & MUSSALIN, F. *Introdução à Linguística*. São Paulo: Cortez, 2012

ARNOLD, J. et al. **Variation and personal/group style**. Paper presented at NWA 22. Ottawa: University of Ottawa, 1993



BENTES, A. C. “É nós na fita”: A formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura popular urbana paulista. Projeto de Pesquisa financiado pela FAPESP. Proc. 2009/083639-9, 2009a

_____. **Tudo que é sólido desmancha no ar: sobre o problema do popular na linguagem.** Gragoatá (UFF), v. 27, p. 12-47, 2009b

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. **Locating Identity in Language.** In: LLAMAS, C. WATT, D. **Language and Identity.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012

CAMACHO, R. G. **Sociolinguística.** IN: BENTES, A. C. & MUSSALIN, F. Introdução à Linguística. São Paulo: Cortez, 2012

_____. **Uma reflexão crítica sobre a Teoria Sociolinguística.** Revista D.E.L.T.A., 26:1, 2010 (141-162)

CAMPBELL-KIBLER, K. The sociolinguistic variant as a carrier of social meaning. **Language Variation and Change** 22, 423-441, 2011

_____. Sociolinguistics and perception. **Language and Linguistics Compass** 4(6), 377–389, 2010

_____. The nature of sociolinguistic perception. **Language Variation and Change** 21, 135–156, 2009

CHOMSKY, N. **Panorama e rumos atuais da linguística.** Tempo brasileiro, 32, janeiro-março, 1973

COELHO, R. F. **É nós na fita! Duas variáveis linguística numa vizinhança da periferia paulistana. O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação do plural no verbo.** Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, São Paulo, 2006

COUPLAND, N. **Style: Language Variation and Identity.** Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

DURANTI, A. **Antropologia Linguística.** Madrid: Cambridge University Press, 2000

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation.” **Annual Review of Anthropology**, vol. 41, 87–100, 2012

_____. “Variation and the indexical field.” **Journal of Sociolinguistics**, vol. 12(4), 453–476, 2008

_____. **Variation, convention and social meaning.** IN: Annual Meeting of The Linguistics Society of America, 2005.

_____. **Style and social meaning.** In: ECKERT, P. & RICKFORD, J. R. **Style and Sociolinguistic Variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001

_____. **Linguistic Variation as Social Practice: The Linguistic Construction of Identity in Belten High.** Oxford: Blackwell, 2000

FREITAG, R. M. K. **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística.** São Paulo: Blusher, 2014



_____. Desafios teóricos-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. In: PARREIRA, M. C. et al. Pesquisas em Linguística no século XXI: perspectivas e desafios teóricos-metodológicos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

_____. **Entrevistas Sociolinguísticas como fontes para estudos culturais.** Seminários de estudos culturais, identidades e relações interétnicas. Universidade Federal do Sergipe. São Cristóvão, 2009

FREITAG, R. et Al. **“Fio do canço”:** marca linguística identitária do itabaianense. InterSciencePlace, v.5, 2009.

GAUDIO, R. **Sounding gay: pitch properties in the speech of gay and straight men.** American Speech, 69 (1), 1994

GUMPERZ, John. **Convenções de contextualização.** IN: RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P. M. Sociolinguística Interacional. São Paulo: Edições Loyola, 2013

_____. **Discourse Strategies.** Cambridge, Cambridge University Press, 1982a

_____. **Language and Social Identity.** Cambridge, Cambridge University Press, 1982b

_____. **The Speech Community.** IN: DURANTI, A. (ed.) Linguistic Anthropology: A reader 1: 66-73, 1968

HYMES, D. **Introduction: Towards Ethnographies of Communication.** American Anthropologist 66 (6): 1-34, 1964.

HANKS, W. F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin.** In: BENTES, A.C.; REZENDE, R.C.; MACHADO, M.A. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Language and Communicative Practices.** Colorado: Westview Press, 1996.

IRVINE, J. T. **“Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation.** IN: ECKERT, P. & RICKFORD, J. R. Style and Sociolinguistic Variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2001

JOHNSTONE, B. **Mobility, Indexicality, and the Enregisterment of “Pittsburghese”.** Journal of English Linguistics 34 (2), 77-104, 2006

JOSEPH, J.E. **Identity.** In: LLAMAS, C. WATT, D. **Language and Identity.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008

_____. **Where does the linguistic stop? A response to Beatriz Lavandera.** IN: Working Papers in Sociolinguistics, n. 44, 1978

_____. **The social stratification of English in New York City.** New York: Cambridge University Press, 1966

_____. **The social motivation of a sound change.** Word, 19: 273-309, 1963



- LAMBERT, W.E., HOGSON, R. C. GARDNER, R. C. and FILLEBAUM, S. Evaluational Reactions to Spoken Languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*. 20.1. 44-51. 1960
- LAVANDERA, B. **Where does the sociolinguistic stop?** IN: *Language Society* 7. London, 1978
- LEITE, C. M. B. **Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco.** Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2004
- LEVON, E. **The voice of others: identity, alterity and gender normativity among gay men in Israel.** *Language in Society*, 41, 2012.
- _____. **Hearing gay: prosody, interpretation and the affective judgments of men's speech.** *American Speech*, Vol. 81, 2006
- LEVON, E. & MENDES, R. B. **Language, sexuality and power. Studies in intersectional sociolinguistics.** Oxford: Oxford University Press, 2016
- MALONOWISKI, B. **Argonauts of the Western Pacific: An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea.** London: Routledge, 1978.
- MENDES, R. B. **Nonstandard plural noun phrase agreement as an index of masculinity.** IN: LEVON, E. & MENDES, R. B. **Language, sexuality and power. Studies in intersectional sociolinguistics.** Oxford: Oxford University Press, 2016
- MENDES, R.B. SP2010 – **Construção de uma amostra da fala paulistana. Projeto regular apresentado à FAPESP (Processo FAPESP 2011/09278-6).** 2011. Disponível em <<http://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica>>. Acesso em 08/09/2017.
- MENDES, R. B. & OUSHIRO, L. **O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro.** *Revista Alfa*, São Paulo, n. 56, 2012
- MILROY, L. **Language and Social Networks.** Oxford: Blackwell, 1980
- MILROY, L. & GORDON, M. **Sociolinguistics: Method and interpretation.** Oxford: Blackwell Publishing, 2003
- MORATO, E. M. **O Interacionismo no campo linguístico.** In: BENTES, A. C. & MUSSALIN, F. *Introdução à Linguística.* São Paulo: Cortez, 2011
- NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OCHS, E. **Indexing gender.** In: Duranti, A. and Goodwin, C., **Rethinking context: Language as an interactive phenomenon**, 335–358. New York: Cambridge University Press. 1992.
- OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015
- PODESVA, R. **Salience and the social meaning of declarative contours: Three case studies of gay professionals.** *Journal of English Linguistics* 39(3), 233-264, 2011



_____. **Three sources of stylistic meaning.** Washington D.C.: Georgetown University. 2007

_____. **Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona.** Journal of Sociolinguistics 11/4, 478-504, 2007

RAPOSO, E. P. **Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem.** Lisboa: Caminho, 1992

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1995

SILVERSTEIN, M. **Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life.** Language and Communication 23, 193-229, 2003

_____. Shifters, linguistic categories and cultural description. In K. Basso and H. Selby (eds.), *Meaning in Anthropology.* School of American Research. 1976

TANNEN, D., WALLAT, C. **Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação.** IN: RIBEIRO, B.T., GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional.* São Paulo: Edições Loyola, 2013

TRUDGILL, P. **Sociolinguistic variation and change.** Edinburgh: Edinburgh University Press/ Washington DC: Georgetown University Press, 2002

VALLE, C. R. M. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição.** Tese de Doutorado. UFSC, Florianópolis, 2014

ZHANG, Q. **A Chinese yuppie in Beijing: Phonological variation and the construction of a new professional identity.** Language in Society 34, 431-466, 2005

Recebido Para Publicação em 12 de julho de 2018.

Aprovado Para Publicação em 28 de setembro de 2018.